

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**KAROLINE GASQUE DE SOUZA**

**“A UNIPAMPA ELA TEM EM VÁRIAS CIDADES”, OU DE QUANDO UM VERBO  
IMPESSOAL TEM (PELO MENOS UM) SUJEITO**

**Jaguarão  
2018**

**KAROLINE GASQUE DE SOUZA**

**“A UNIPAMPA ELA TEM EM VÁRIAS CIDADES”, OU DE QUANDO UM VERBO  
IMPESSOAL TEM (PELO MENOS UM) SUJEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leonor Simioni

**Jaguarão  
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

G246“ Gasque, Karoline de Souza  
“A UNIPAMPA ela tem em várias cidades”, ou de quando um verbo impessoal  
tem (pelo menos um) sujeito / Karoline de Souza Gasque.  
34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do  
Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL E  
RESPECTIVAS LITERATURAS, 2018.

"Orientação: Leonor Simioni".

1. Verbos existenciais. 2. Tópico marcado. 3. Deslocamento à esquerda. I.  
Título.

KAROLINE GASQUE DE SOUZA

**“A UNIPAMPA ELA TEM EM VÁRIAS CIDADES”, OU DE QUANDO UM VERBO  
IMPESSOAL TEM (PELO MENOS UM) SUJEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de dezembro de 2018.

Banca examinadora:



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>/Leonor Simioni  
Orientadora  
(UNIPAMPA)



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Aline Neuschrack  
(UNIPAMPA)



---

Prof. Dr. Pablo Nunes Ribeiro  
(UFSM)

Aos meus pais, Dalvani e Juvenal,  
e avós, Ivani e Miguel,  
com amor e gratidão.

## AGRADECIMENTO

Agradeço:

À CAPES e à SESu/MEC pelas bolsas concedidas durante quatro anos como integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) Letras;

À minha família, meus pais, pelo apoio irrestrito, mesmo sem compreenderem o que eu tanto estudava; e avós, pelos exemplos de vida e mates acalentadores;

Aos colegas de graduação e PET Letras, Sol, Bianca e Victor, pelos enriquecedores diálogos acadêmicas, devaneios, conselhos e, principalmente, por nunca deixarem faltar vinho;

À professora Renata, tutora-mãe, por me fazer ficar no mundo das letras. Obrigada por acreditar nessa guria!

À professora Leonor, por me apresentar ao fantástico mundo da sintaxe, muita gratidão por confiar no meu potencial e por todas orientações teóricas e pessoais. Quero ser meio Leonor quando eu crescer!

À professora Cátia, pelas obras latino-americanas, especialmente as de Aldyr Garcia Schlee; por *Treinta y Tres*; pelas músicas, conversas e mates;

À professora Geice, por fazer com que eu me apaixonasse por *Game of Thrones* e *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de La Mancha*; por todo carinho e chocolates *gluten free*;

À todas as pessoas maravilhosas que fizeram parte da minha trajetória unipampeira ♥

“A mind needs books as a sword needs a  
whetstone, if it is to keep its edge.”  
George R. R. Martin

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca analisar sintaticamente um dado produzido em uma fala monitorada à luz da teoria gerativa. A sentença produzida por um entrevistado em um programa de televisão causa uma certa estranheza, pois parece haver dois sujeitos com um verbo que não seleciona sujeito e nem atribui Caso acusativo ao argumento interno. Sabe-se que o português brasileiro favorece o alçamento de locativos, inclusive com verbos existenciais, contudo, a sentença distingue-se pelo elemento alçado ser o argumento interno do verbo e, além disso, ser seguido por um pronome correferente. Assim, objetiva-se compreender o fato de um verbo existencial ter sujeito expresso com o sentido semântico correferente ao argumento interno e, ao apresentar uma revisão da literatura sobre as construções de tópico marcado no português brasileiro, observar em qual posição estão os elementos alçados, tópico e/ou sujeito. A partir das discussões realizadas acerca da sentença motivadora, com base especialmente em Pontes (1987), Avelar e Callou (2011), Orsini e Vasco (2012), Kato (2015), Kato e Duarte (2017), Berlinck, Duarte e Oliveira (2017) e Avelar (2018), conclui-se que o português brasileiro está caracterizando-se como uma língua mista, com proeminência de tópico e de sujeito expresso.

Palavras-Chave: Verbos existenciais. Tópico marcado. Deslocamento à esquerda

## RESUMEN

Este “Trabalho de Conclusão de Curso” busca analizar sintácticamente un dato producido en un discurso monitoreado a la luz de la teoría generativa. La oración producida por un entrevistado en un programa de televisión causa cierta extrañeza, pues parece tener dos sujetos con un verbo que no elige sujeto y ni atribuye Caso acusativo al argumento interno. Es conocido que el portugués brasileño favorece el alzamiento de locativos, además con los verbos existenciales, sin embargo, la oración en análisis se distingue por el elemento alzado ser el argumento interno del verbo y, además, ser seguido por un pronombre correferente. Así que, se objetiva comprender el hecho de un verbo existencial tener sujeto expreso con el sentido semántico correferente al argumento interno y, al presentar una revisión de la literatura sobre las construcciones de tópico marcado en el portugués brasileño, observar en cuál posición están los elementos alzados, tópico y/o sujeto. A partir de las discusiones realizadas acerca de la sentencia motivadora, con base especialmente en Pontes (1987), Avelar y Callou (2011), Orsini y Vasco (2012), Kato (2015), Kato y Duarte (2017), Berlinck, Duarte y Oliveira (2017) y Avelar (2018), se concluye que el portugués brasileño está caracterizándose como una lengua mixta, con prominencia de tópico y de sujeto expreso.

Palabras clave: Verbos existenciales. Tópico marcado. Desplazamiento a la izquierda

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Deslocamento à esquerda X Topicalização .....	21
Quadro 2 – Estratégias de construção de tópico.....	22
Quadro 3 – Construções do português brasileiro.....	27
Quadro 4 – Fragmentos do questionário de aceitabilidade de Reis (2017).....	29

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

- DP – Sintagma determinante (*Determiner Phrase*)
- EPP – Princípio de projeção estendida (*Extended Projection Principle*)
- Espec – Especificador
- Flex' – Projeção intermediária de SFlex
- NURC – Norma Urbana Culta
- PB – Português Brasileiro
- PEUL – Projeto de Estudos e Usos Linguísticos
- PP – Sintagma preposicional (*Prepositional Phrase*)
- pro* – Categoria vazia pronominal
- SFlex – Sintagma flexional
- SN – Sintagma nominal
- STop – Sintagma tópico
- Sv – Sintagma do verbo leve
- SV – Sintagma verbal
- Top – Tópico
- Top' – Projeção intermediária de tópico
- V – Verbo
- V' – Projeção intermediária do SV
- v' – Projeção intermediária do verbo leve
- XP – Sintagma de qualquer natureza semântica
- [ \_\_ ] – Vestígio deixado por deslocamento
- [Ø] – Sujeito nulo de referência definida
- [Ø<sub>expl</sub>] – Sujeito nulo não referencial/não argumental/expletivo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 OS VERBOS EXISTENCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 O PB COMO UMA LÍNGUA DE PROEMINÊNCIA DE TÓPICO? .....</b>	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

As ocorrências de construções de tópico são frequentes no português brasileiro. Elas foram observadas em um primeiro momento em outros idiomas (por exemplo, Li e Thompson, 1976<sup>1</sup>). No português brasileiro, passou-se a considerar essas construções com a pioneira obra de Eunice Pontes *O tópico no Português do Brasil* (1987), em que a autora considera que no português brasileiro (PB) há duas construções: sujeito-predicado e tópico-comentário, sendo que as construções de tópico são caracterizadas por complementos verbais ou adjuntos deslocados para a esquerda. Assim, ao lado de uma sentença sujeito-predicado como “Eu adoro feijão” podemos ter uma sentença de tópico-comentário como “Feijão eu adoro”. Desde então, as construções de tópico marcado aparecem nas obras de vários gramáticos e pesquisadores por distintas perspectivas.

Segundo Kato (2015), as línguas dividem-se em aquelas com proeminência de tópico e as com proeminência de sujeito. As línguas de proeminência de sujeito se dividem em sujeito expreso (pronomes expletivos), como é o caso do inglês, francês e alemão, e sujeito nulo (expletivo nulo), português, italiano e espanhol. Logo, como as línguas com proeminência de tópico não têm pronomes expletivos e a posição de sujeito precisa ser preenchida, a estratégia é alçar um elemento interno da oração para ocupar a posição de sujeito, o que ocorreu com o nosso enunciado.

Assim sendo, se há línguas com pronomes expletivos, aqueles que ocupam a posição de sujeito, inclusive para os verbos caracterizados por não terem sujeito, imagina-se que a posição do sujeito é projetada em todas as línguas, conforme o Princípio de projeção estendido (EPP). A diferença seria que enquanto umas exigem o pronome explícito, outras não, ficando assim uma posição projetada em todas as sentenças, como seria o caso dos verbos inacusativos, existenciais e meteorológicos (com pronome expletivo nulo, ou seja, sem conteúdo fonético e semântico), o que satisfaz EPP.

Recentemente, foi constatada uma construção de tópico no enunciado de um convidado do programa Pampa Debates, apresentado por Paulo Sérgio Pinto, da TV Pampa, exibido dia 16 de novembro de 2016<sup>2</sup>. No debate, os convidados discutiam sobre a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e um deles produziu o seguinte dado:

---

<sup>1</sup> LI, C-N.; THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C-N (ed.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.farrapo.rs/noticia/2/17070/Programa-de-TV-faz-criticas-a-Unipampa-e-universidade-divulga-nota-de-esclarecimento/>>. Acesso em: 30 out. 2018. O vídeo completo do programa deste dia foi retirado das redes de comunicação da emissora.

- (1) “A UNIPAMPA ela tem em várias cidades, tem inclusive em São Borja.”

Nesta construção, vemos um DP (sintagma determinante) definido no início do período (*A UNIPAMPA*), seguido por um pronome pessoal do caso reto (*ela*) e um verbo existencial (*tem*), e, ainda, o locativo (*em várias cidades*). Coordenada à primeira, há outra oração formada pelo mesmo verbo, um advérbio (*inclusive*) e outro locativo (*em São Borja*). A sentença causa uma certa estranheza, pois parece haver dois sujeitos na primeira oração, embora o verbo *ter* não selecione sujeito neste contexto.

É sabido na literatura que o português brasileiro favorece o alçamento de locativos, inclusive com verbos existenciais, contudo, a sentença (1) distingue-se pelo elemento alçado ser o argumento interno do verbo, apesar da presença de locativos que poderiam ocupar a posição inicial, a saber, “várias cidades” e “São Borja”. Por outro lado, além da sentença ter o argumento interno do verbo alçado para a posição inicial, este argumento está seguido por um pronome correferente. Por conseguinte, não há nenhum elemento pronunciado na posição original do complemento verbal do verbo *ter*, em nenhuma das orações.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), motivado por este dado, propõe-se, primeiramente, compreender o fato de um verbo existencial ter sujeito expresso com o sentido semântico correferente ao argumento interno; em seguida, apresentar uma revisão da literatura sobre as construções de tópico marcado para, então, analisar os dois elementos alçados para a posição inicial da construção motivadora desta pesquisa, exposta em (1).

A partir deste trabalho, almejamos contribuir para as discussões referentes aos verbos existenciais, que não selecionam argumento externo, em especial acerca do verbo *ter*, e sobre o tópico marcado seguido por um elemento correferente. Assim, buscaremos fomentar o debate acerca de o português brasileiro estar caracterizando-se como uma língua mista, com proeminência de tópico e de sujeito expresso.

## 1 OS VERBOS EXISTENCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

É sabido que os falantes do português brasileiro aos poucos abandonaram o verbo *haver* em detrimento do verbo *ter*, principalmente na oralidade. Esses verbos, chamados de existenciais, se caracterizam por não selecionar um sujeito. No entanto, já há inúmeros trabalhos na literatura que comprovam a concordância entre esses dois verbos<sup>3</sup> e o argumento interno, especialmente quando conjugados no pretérito imperfeito e perfeito, conforme apontam Berlinck, Duarte e Oliveira (2017, p. 96):

- (2) a. Não **havam** subsídios para auxiliar.<sup>4</sup>  
 b. Antigamente **tinham** filmes mais assim, com maior conteúdo.

Para as autoras, estas sentenças podem ser justificadas por uma hipercorreção, já que o outro verbo existencial, *existir*, sempre concorda com o argumento interno, independentemente da posição pré ou pós-verbal. Evidentemente, os verbos *haver* e *ter* não selecionam argumento externo e não deveriam concordar com o interno.

Ao focalizar nas construções com *ter*, é exposto em Kato e Duarte (2017) que estas sentenças oportunizam uma variação entre expletivo nulo e pessoalização. Alguns autores (AVELAR, 2003; MARINS, 2013 apud KATO; DUARTE, 2017, p. 20) constataram que com o verbo *ter* existe a possibilidade de alçar não-argumentos, inclusive com a perda da preposição, conforme os exemplos das autoras:

- (3) a. Ø<sub>expl</sub> Tem leite [na porta da geladeira].  
 b. [Na porta da geladeira] tem leite.  
 b'. [Na porta da geladeira] Ø<sub>expl</sub> tem leite.<sup>5</sup>  
 c. [A porta da geladeira] tem leite.  
 d. [A geladeira]<sub>i</sub> tem leite [na porta t<sub>i</sub>].

<sup>3</sup> De acordo com Berlinck, Duarte e Oliveira (2017), os verbos existenciais são um subtipo dos verbos inacusativos que se caracterizam por serem monoargumentais, assim como os inergativos. No caso dos inacusativos, “o argumento é gerado na posição de complemento de V, ou seja, na posição de argumento interno” (p. 92); em contrapartida, os inergativos selecionam apenas argumento externo. Importa ressaltar que o argumento interno dos verbos inacusativos é distinto daquele de verbos transitivos, uma vez que os inacusativos, como próprio nome já diz, não atribuem Caso acusativo.

<sup>4</sup> Todos os exemplos de outros autores estão exatamente como apresentados em suas obras.

<sup>5</sup> Marcamos com linha (') os exemplos cuja formatação modificamos a fim de explicitar os elementos que interessam para a discussão.

Em todas as línguas existe o Princípio de projeção estendida (EPP)<sup>6</sup>, princípio segundo o qual toda sentença tem uma posição destinada ao sujeito, portanto mesmo sem ser preenchido há um pronome expletivo nulo em sua posição. Considerando os exemplos em (3), vemos que o EPP pode ser satisfeito no português brasileiro de diferentes formas: em (3a,b') por um expletivo nulo, sem conteúdo fonético e semântico (*pro*), embora em (3b') o locativo tenha sido alçado para o início da sentença, o EPP é satisfeito por um expletivo nulo; em contrapartida, em (3c,d) a satisfação do EPP é feita por movimento, uma vez que o locativo se moveu e passou a ocupar a posição de sujeito gramatical.

Consequentemente, este princípio contribui para a justificativa de que algum elemento da oração seja alçado para a posição de sujeito e passe a se tornar o sujeito gramatical da sentença. Vale salientar que apesar de o elemento ser alçado para a posição de sujeito, ele não pode ser confundido com o argumento externo, já que, independentemente de haver um sujeito preenchido ou não, os verbos existenciais não perdem sua característica de inacusativos.

Para Avelar e Callou (2011) e outros autores (como Galves, Kato e Duarte), o fato de o português brasileiro, em oposição ao português europeu, aceitar que um verbo impessoal tenha sujeito gramatical é um reforço para a hipótese de que o PB esteja em transição para ser caracterizado como uma língua de proeminência de tópico. O verbo *ter*, em especial, diferentemente dos outros existenciais (*haver* e *existir*), parece ser o único que licencia a presença de um elemento como sujeito gramatical (AVELAR; CALLOU, 2011, p. 257):

- (4) a. Você<sub>gen</sub> **tem** / \***há** praias belíssimas no nordeste brasileiro.  
a'. \*Você **existe** praias belíssimas no nordeste brasileiro.

Vemos, pelos exemplos acima, que a posição de sujeito do verbo *ter* é preenchida pelo pronome “você”; pelos exemplos dos autores (4a) e a versão em (4a') é notório que este verbo se diferencia dos outros existenciais. Acreditamos que tais ocorrências linguísticas aconteçam pelo fato de este verbo também ter um sentido de possessivo e, neste caso, atribuir papel temático ao argumento externo (sujeito semântico). Avelar tem se dedicado ao estudo do verbo *ter*, analisando inclusive a utilização do verbo desde séculos passados, especialmente nos

---

<sup>6</sup> De acordo com Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2018), “[o] EPP garante que Spec IP é uma posição sempre presente e conspira para que certos fenômenos relacionados com essa posição se produzam na sentença. Se o verbo tem argumento externo, é este que deve ocupar a posição sujeito [...]. Se o verbo não tem argumentos, só um expletivo pode satisfazer o EPP; este elemento é nulo ou com matriz fonética, dependendo de propriedades paramétricas das línguas” (p. 146).

contextos que são limítrofes entre posse e existência. Vejamos alguns exemplos expostos em Avelar (2018, p. 127) com base em documentos notariais do século XVII:

- (5) a. [...] [ em sua caza **tem** ] [...] (1632)  
 b. [...] terras que [ **tinha** na guaratiba ] [...] (1660)

De acordo com o autor, nos fragmentos acima a utilização do verbo *ter* forma sentenças existenciais para falantes do português brasileiro, porém em português europeu seriam interpretadas como possessivas<sup>7</sup>. A linha tênue do *ter* entre existencial e possessivo, para Avelar (2018), é devida às restrições de licenciamento de sujeito nulo no português brasileiro, o que, por sua vez, não ocorre com o *haver* e nem com o *existir*, pois suas grades argumentais só exigem argumento interno. Estes dois verbos, ao contrário de *ter*, causam estranhamento em sentenças como em (6), apresentadas em Avelar (2018, p. 80):

- (6) **Teve/ #Houve/ #Existiu** muito docinho na festa que a Maria deu.

Além disso, vários autores ponderam que o verbo *ter* não expressa valor existencial somente em sentenças impessoais, mas também nas sentenças pessoais, isto é, quando há um argumento externo:

- (7) a. **Tem/Há** muitos peixes naquela lagoa.  
 b. Aquela lagoa **tem** muitos peixes.

De acordo com as sentenças apresentadas acima, expostas em Avelar (2018, p. 80), a sentença existencial (7a) pode ser parafraseada e ter o EPP satisfeito pelo locativo sem a preposição (7b), tornando-se então uma sentença pessoal, ou seja, tendo um sujeito gramatical. Em outras palavras, nesse paradigma está pressuposta a ideia de que se algo existe (*muitos peixes*), existe em algum lugar, que, por sua vez, é o seu possuidor (*Aquela lagoa*). Porém, não é considerada em Avelar (2018) a possibilidade de movimento do argumento interno para o início da sentença. Ao considerar os elementos que poderiam ocupar a primeira posição da sentença motivadora deste TCC, temos:

- (8) a. Tem UNIPAMPA em várias cidades.

---

<sup>7</sup> Considerando o contexto da época, Avelar afirma que os dados comentados por ele “devem ser analisados como ocorrências de sentenças possessivas, e não existenciais.” (2018, p. 130).

- b. Várias cidades têm UNIPAMPA.
- c. São Borja tem UNIPAMPA.
- d. UNIPAMPA tem em várias cidades.

Neste paradigma, todas as sentenças são aceitáveis. Em (8a) todos os elementos estão em seu lugar de origem, salientando o sentido existencial do verbo; já (8b) não se tem certeza se “Várias cidades” está na posição de sujeito pela falta de distinção fonológica do plural de *ter*, mas parece-nos aceitável assim como (8c), em ambos os casos com sujeito e um sentido ambíguo de existencial e posse. Por outro lado, na sentença que mais se assemelha ao enunciado motivador deste TCC, (8d), mesmo tendo o argumento interno como sujeito gramatical, permanece o sentido de existencial.

Ao observar a fala culta carioca (dados do NURC-RJ), Avelar e Callou (2011) consideram apenas a predisposição do português brasileiro de preencher a posição de sujeito com termos que não são argumentos do verbo *ter*, o que também acontece com outros verbos impessoais. Em outras palavras, mesmo que o verbo *ter* não seja atribuidor de papel temático de argumento externo, ou seja, não há sujeito semântico em verbos existenciais, pode ocorrer, e comumente vem ocorrendo, de haver um sujeito gramatical nessas sentenças, um elemento que concorda com o verbo, geralmente na ordem DP V, conforme os exemplos acima.

A esse respeito, é constatado em Berlinck (1989) que a frequência V DP nos verbos intransitivos existenciais era de 99% no século XX. Embora as sentenças analisadas não sejam expostas pela autora, consideramos extremamente significativa a constatação do predomínio da posição pós-verbal dos complementos nos verbos existenciais, o que não quer dizer que o argumento não possa vir no início da sentença.

Além dos existenciais, o preenchimento de sujeito também vem ocorrendo com os verbos meteorológicos, como mostram os exemplos a seguir de Buthers (2009):

- (9)
- a. Agora **tá chovendo**.
  - b. Aqui **neva** sempre.
  - c. Este dia **choveu** muito.
  - d. Essa noite **tá ventando** muito.
  - e. A chuva **tá chovendo** grossa.
  - f. A chuva **tá chovendo** forte. Ela **chove** sem parar.

A partir dos exemplos em (9), percebemos que não há como negar que o português brasileiro está apresentando estratégias para satisfazer o EPP por meio de elementos com matriz fonética. Em todos os dados citados acima por DPs definidos, seja por advérbio de tempo (9a,b)

e elementos temporais que perderam a preposição semelhantes a locativo (9c,d), conforme é assumido pela autora, até mesmo com o que seria o argumento interno do verbo (9e,f), inclusive retomado por um pronome (9f).

É sabido que os verbos meteorológicos não selecionam nenhum argumento, logo a posição de sujeito deveria ser obrigatoriamente nula e a satisfação do EPP se daria por um expletivo nulo. Nos exemplos em (9e,f), a posição inicial das sentenças é preenchida pelo objeto cognato, o argumento interno (*Choveu uma chuva*) do verbo, que foi alçado para a posição inicial. Diante dos dados expostos em (9), Buthers (2009) defende que a ordem [XP V (DP)] está emergindo com verbos impessoais, inacusativos e transitivos, seja com leitura genérica ou indeterminada, por causa da falta de expletivos no português brasileiro.

Se observarmos os exemplos citados anteriormente, em todas as sentenças com o verbo *ter* apenas o locativo (ou parte dele) foi alçado para o início da sentença. Se o elemento movido fosse o argumento interno, teríamos exemplos como:

- (10) a. Leite tem na porta da geladeira.  
 b. Praias belíssimas tem no nordeste brasileiro.  
 c. Muito docinho teve na festa que a Maria deu.

Acreditamos que os exemplos criados acima sejam perfeitamente possíveis, ao menos em alguns contextos. Isso significa que dadas as condições semântico-discursivas apropriadas a posição de sujeito nesses verbos pode ser preenchida também por um argumento, não só por elementos não-argumentais.

Retomando a sentença motivadora deste trabalho, repetida em (11a), podemos observar que o elemento inicial é claramente o argumento interno do verbo (11b), contudo poderia ter sido alçado um dos locativos (11c,d), conforme já observamos na Introdução deste trabalho:

- (11) a. “A UNIPAMPA<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> tem em várias cidades, tem inclusive em São Borja.”  
 b. Tem UNIPAMPA<sub>i</sub> em várias cidades, tem \_\_\_\_<sub>i</sub> inclusive em São Borja.  
 c. São Borja tem UNIPAMPA.  
 d. Várias cidades tinham UNIPAMPA.

Compreendemos que a justificativa para o argumento interno ser promovido para o início da sentença ao invés dos locativos, conforme os exemplos de outros autores, seja exatamente pela UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa) ser o grande tema da discussão dos entrevistados no debate – ou seja, o tópico discursivo.

Nos exemplos acima, consideramos que em (11a,b) o verbo *ter* exprime sentido existencial, enquanto em (11c,d) nos remete a posse, possibilitando a interpretação de que há um sujeito semântico, ou seja, exigido pelo verbo. Vale salientar também que em (11a) o argumento movido é definido, enquanto os demais exemplos em que o argumento interno fica na sua posição de origem são marginais com o artigo. A esse respeito, Berlinck, Duarte e Oliveira (2017) apontam que a posição do argumento dos inacusativos “depende fortemente da natureza semântico-discursiva do argumento” (p. 92), ou seja, argumentos novos/indefinidos tendem a ocorrer após o verbo e argumentos velhos/definidos antes do verbo.

Na sentença motivadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (11a), há o alçamento do argumento interno possivelmente para satisfazer o EPP. Uma evidência adicional de que o argumento interno está na posição de sujeito é o fato de haver concordância, como mostram os exemplos abaixo:

- (12) a. Essas universidades tinham em várias cidades.  
 b. Essas universidades vão ter em várias cidades.  
 c. A UNIPAMPA vai ter em várias cidades.

Como o plural do presente do indicativo do verbo *ter* não faz distinções fonológicas, conforme já mencionado, é impossível averiguar se a sentença (11a) quando transposta para o plural exigiria concordância ou não. Contudo, ao mudar os tempos verbais, as sentenças nos parecem gramaticais.

A partir do exposto até o momento, compreendemos que, embora o verbo *ter* não atribua papel temático para um argumento externo, o argumento interno (*A UNIPAMPA*) está na posição inicial da sentença para satisfazer o EPP e, possivelmente, para receber Caso nominativo da flexão verbal. O fato de termos alçamento do argumento interno e não de um locativo pode ser explicado porque “A UNIPAMPA” já era o assunto do debate, ou seja, o tópico discursivo. Porém até o momento não atentamos para o fato deste DP estar seguido por um pronome (*ela*) correferente. Por isso, no segundo capítulo deste trabalho, discutiremos as estruturas de tópico marcado no português brasileiro.

## 2 O PB COMO UMA LÍNGUA DE PROEMINÊNCIA DE TÓPICO?

As sentenças com tópico não são inovações do português brasileiro contemporâneo, embora tenham sido observadas apenas a partir da década de 80. Ataliba Castilho (2010), apoiado em estudos diacrônicos do português, enfatiza que as construções de tópico encontradas no português brasileiro contemporâneo são continuações do português arcaico, contudo, evidenciam-se algumas mudanças.

Seabra (1994) analisou as 353 ocorrências de tópico encontradas na obra *Leal conselheiro*, do século XV; de acordo com a autora, todas as funções da sentença eram topicalizadas, principalmente o adjunto adverbial (47%) e objeto direto (22,4%). Em contrapartida, nos dados do português contemporâneo, coletados na *Folha de São Paulo* no mês de julho de 1993, é exposto um expressivo aumento da topicalização do adjunto adverbial (90%)<sup>8</sup>, seguido do objeto indireto com apenas 3,3%.

A obra *O tópico no Português do Brasil* (1987), de Eunice Pontes, é constituída por várias pesquisas desenvolvidas pela autora acerca das construções de tópico no português coloquial brasileiro. Em um dos capítulos, “Topicalização e Deslocamento para a Esquerda”, publicado primeiramente em 1983<sup>9</sup>, Pontes se dedicou a observar as diferenças entre topicalização e deslocamento para a esquerda feitas primeiramente para o inglês por Ross<sup>10</sup> e tentou analisar como essas construções ocorrem no português brasileiro.

Para a autora, as construções com pronome-cópia são “indiscutivelmente” deslocamento para a esquerda, enquanto aquelas sem, podem ser tanto topicalização ou deslocamento para a esquerda com o pronome suprimido. Assim, ao considerar estas duas construções como distintas, Pontes (1987, p. 82) evidencia esta constatação através do seguinte exemplo:

- (13) a. Eu, café eu gosto tanto sem açúcar como com.  
a'. Eu, caféi eu gosto \_\_\_i tanto sem açúcar como com.

De acordo com a autora, o primeiro “eu” seria o argumento externo do verbo que fora deslocado à esquerda, pois em seguida há um pronome-cópia, e “café” o argumento interno topicalizado. Porém, é notória a presença de uma pausa (assinalada na escrita por uma vírgula)

<sup>8</sup> Santana (2017), ao analisar dois textos da revista *Veja*, constatou que o alto índice de adjunto adverbial deslocado para o início da oração dá-se por essa posição favorecer a coesão textual entre períodos.

<sup>9</sup> PONTES, E. Topicalização e deslocamento à esquerda. **Ensaios de Lingüística**, Belo Horizonte, UFMG/FALE, v. 9, n. 1, 1983, p. 121-51.

<sup>10</sup> ROSS, J. **Constraints on variables in syntax**. Massachusetts Institute of Technology. Dept. of Modern Languages and Linguistics. Thesis. 1967.

após o sintagma deslocado. As conclusões da autora para caracterizar deslocamento à esquerda e topicalização podem ser esquematizadas conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Deslocamento à esquerda X Topicalização

<b>Distinções</b>	<b>Deslocamento à esquerda</b>	<b>Topicalização</b>
Pausa	+	-
Pronome-cópia	+	-
Contrastivos	-	+
Sintagmas nominais definidos	+	+/-

Fonte: Elaborado a partir de Pontes (1987, p. 82).

Assim, deslocamentos à esquerda se identificam por: pausa, presença de um pronome-cópia, ausência de contraste e sintagmas nominais definidos. Já a topicalização caracteriza-se por: não haver pausa, não haver pronome, ter caráter contrastivo, apresentar sintagmas nominais definidos ou não. Em consonância com as distinções de Pontes, Mollica (1989) acrescenta que os deslocamentos à esquerda se diferenciam das topicalizações por apresentarem, além do pronome-cópia e marcação da pausa, costumeiramente uma certa entonação ascendente, e considera que o elemento deslocado já está presente no discurso.

Pontes (1987) ainda constata a presença dos anacolutos na sintaxe do português brasileiro, os definindo como elementos que não são identificáveis dentro da oração, não se movem, isto é, não são argumentos do verbo, nem adjuntos. Sendo assim, estes são identificáveis somente no nível discursivo, conforme os exemplos:

- (14) a. Eu, agora, cabô desculpa de concurso, né? (p. 83)  
 b. Essa minha barriga, só jejum. (p. 83)

Ao focalizar no tópico sentencial ou marcado, isto é, aquele normalmente já presente no contexto discursivo, Orsini e Vasco (2012) se dedicaram a descrever e confrontar as quatro estratégias de construção de tópico propostas por Eunice Pontes (1987), como ilustramos no quadro a seguir:

Quadro 2 – Estratégias de construção de tópico

Tipos de estratégias	Definição	Exemplos
Anacoluto	o tópico não estabelece nenhuma relação argumental com o verbo, ou seja, não está vinculado a qualquer função sintática na sentença comentário.	“ <i>Doce</i> eu gosto de gelatina, gosto de pudim.” (NURC-RJ)
Topicalização	o tópico está vinculado a uma categoria vazia, no interior da sentença-comentário, exercendo, pois, uma função na oração.	“ <i>Lago</i> <sub>i</sub> também acho ___ <sub>i</sub> bonito.” (NURC-RJ)
Deslocamento à esquerda	define-se pela presença na sentença-comentário de um pronome-cópia ou de outro constituinte vinculado ao tópico.	“ <i>As praias do Nordeste</i> <sub>i</sub> elas <sub>i</sub> são todas muito lindas.” (NURC-RJ)
Tópico-sujeito	o tópico é reanalisado como sujeito instaurando-se inclusive a concordância verbal.	“ <i>Essas janelas</i> estão ventando.” (PEUL-RJ)

Fonte: Elaborado a partir de Orsini e Vasco (2012, p. 84-5), grifos dos autores.

Os autores ainda apresentam uma distribuição das construções de tópico nas falas culta (NURC-RJ) e popular (PEUL), evidenciando que as construções de deslocamento à esquerda e topicalização são as que mais ocorrem. Ainda, analisando as funções de sujeito e objeto direto, é constatado que há mais incidências de deslocamento à esquerda de sujeitos, 55% na fala culta e 51% na fala popular, enquanto a topicalização de sujeito<sup>11</sup> é quase que insignificante, 5% na culta e nenhuma incidência na popular, porém a topicalização de objeto direto é favorecida. Os autores ainda consideram que o alto índice de ocorrências de deslocamento à esquerda de sujeito dá-se pelo PB estar em um processo de transição para caracterizar-se como uma língua negativamente marcada para o Parâmetro do Sujeito Nulo. Ainda, Orsini e Vasco (2012) ponderam que o português brasileiro se caracteriza como uma língua mista, ou seja, com proeminência de sujeito e de tópico.

As autoras Berlinck, Duarte e Oliveira (2017) descrevem as cinco construções de “tópico marcado” e/ou “duplo sujeito” do português brasileiro, aquelas formadas pelo tópico (“sujeito externo”, do discurso) e sujeito (“sujeito interno”, sintático). A primeira, *anacoluto* ou *tópico pendente*, ocorre quando há relação semântica, mas não sintática entre tópico e a sentença comentário, o que, segundo as autoras, a gramática tradicional trata com a mesma nomenclatura de “anacolutos”, porém caracterizados como “quebra na sintaxe”. Pontes (1987) também considera estas sentenças como anacolutos.

<sup>11</sup> A topicalização de sujeito foi investigada pelos autores somente na fala culta. São casos em que o sujeito da oração subordinada é alçado para posição inicial, por exemplo: “Os meus irmãos<sub>i</sub> acho que \_\_\_<sub>i</sub> trucidaram as galinhas.” (ORSINI; VASCO, 2012, p. 90).

Em continuação, na segunda construção, *deslocamento à esquerda*, algum elemento da sentença se desloca para o início da oração deixando um elemento correferente em sua posição de origem. Destacamos que, de acordo com as autoras, quando o tópico é o sujeito da oração, na maioria das vezes está vinculado a um pronome (78%) (15a), porém também há casos em que o tópico e seu correferente são pronomes (22%) (15b), seja de referência definida ou indeterminada. Conforme os dados do projeto NURC explicitados em Berlinck, Duarte e Oliveira (2017, p. 123):

- (15) a. A turma de brotos<sub>i</sub>, **eles**<sub>i</sub> preferem eu acho que filme de, sei lá, corrida.  
b. Ela de manhã **ela** sempre faz uma merenda pra mim.

De acordo com as autoras, o que diferencia o deslocamento à esquerda da terceira construção, *topicalização*, é a presença ou ausência do pronome na sentença comentário (cf. também Pontes). A quarta, *tópico-sujeito*, ocorre quando o sujeito não é selecionado pelo verbo, conforme podemos visualizar em:

- (16) a. **A televisão** [ $\emptyset$ <sub>expl</sub>] é horroroso quando eles estão fazendo programa. (p. 127)  
b. Vê se **aquelas janelas** ‘tão chovendo. (p. 128)

De acordo com os exemplos, vê-se que em (16a) há um tópico e um sujeito expletivo nulo, pois “A televisão” não concorda em gênero com o adjetivo no singular; se fosse sujeito, concordaria. Já (16b) demonstra claramente que o tópico (“aquelas janelas”) está em uma posição de sujeito, o que é notório através da concordância, embora o sujeito não seja selecionado pelo verbo. Ambos exemplos são caracterizados como *tópico-sujeito* pelas autoras.

Por fim, a quinta e última construção de tópico marcado considerada pelas autoras e não discutida por nenhum dos autores mencionados anteriormente, *antitópico*, pode aparecer à direita da sentença. Segundo as autoras, esta construção caracteriza-se por três propriedades: manter uma relação com o sujeito pronominal, que pode estar elidido; o DP antitópico é sempre definido; é sensível à restrição monoargumental. Vejamos alguns exemplos desta nova construção:

- (17) a. Chegou cedo a chuva. (p. 130)  
a'. [ $\emptyset$ ]<sub>i</sub> Chegou cedo a chuva<sub>i</sub>.  
b. [ $\emptyset$ ]<sub>i</sub> É muito difícil esse problema<sub>i</sub>. (p. 130)

Ao focalizar especialmente nas construções que nomeia como *tópico/sujeito*, Kato (2015) salienta que “as línguas com proeminência de tópicos não contam com expletivos lexicais e que a satisfação do EPP nesse tipo de línguas se daria via alçamento” (p. 11), como ocorre com o alçamento do locativo argumental com construções impessoais como já vimos no capítulo anterior, conforme os exemplos:

- (18) a. **Londres**<sub>i</sub> tem prédios lindos [t<sub>i</sub>]. (p. 11)  
 b. **São Paulo** chove muito. (p. 12)  
 c. **Essas florestas** chovem muito. (p. 12)

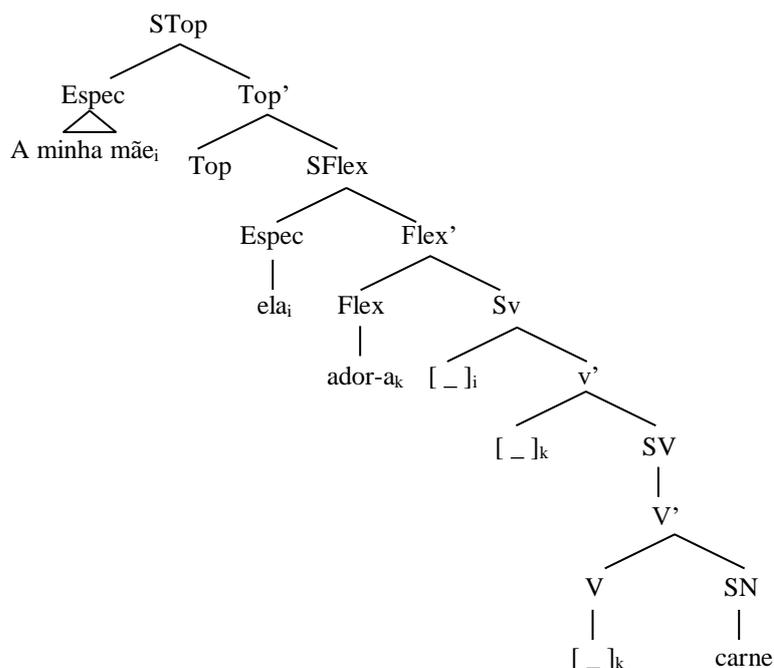
Diante do exposto, se a sentença motivadora deste TCC fosse (19a), poderíamos analisar que o DP definido (*A UNIPAMPA*), que foi alçado por ser o assunto do debate – o tópico discursivo –, conforme discutimos no capítulo anterior, é um *tópico-sujeito*. Consideramos como *tópico-sujeito*, pois esta é uma estrutura de tópico que ocorre quando o sujeito não é selecionado pelo verbo (BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2017); uma vez movido para o início da sentença, acaba sendo reanalisado como sujeito, como nos mostra a concordância verbal (PONTES, 1987 apud ORSINI; VASCO, 2012). Nesse caso, o alçamento seria justificado pela necessidade de satisfazer o EPP com um sujeito preenchido (KATO, 2015), uma vez que o PB, embora esteja sendo caracterizado como uma língua de proeminência de tópico, ainda não tem expletivos. No entanto, nessa estrutura não há nenhum pronome ou elemento correferente, mas na nossa há o “ela” retomando o sentido do tópico, conforme (19b):

- (19) a. A UNIPAMPA<sub>i</sub> tem \_\_\_<sub>i</sub> em várias cidades, tem inclusive em São Borja.  
 b. A UNIPAMPA<sub>i</sub> ela<sub>i</sub> tem \_\_\_<sub>i</sub> em várias cidades, tem inclusive em São Borja.

Assim, consideramos que o argumento interno (*A UNIPAMPA*) primeiro se alça para o início da sentença (19a), e ao passar a ser considerado como o sujeito da sentença, pode ser duplicado, por isso é deslocado para a esquerda, deixando um pronome em seu lugar de origem. Esta análise vai ao encontro com o que é conceituado como deslocamento à esquerda pela maioria dos autores, primeiramente pelo fato de as construções com pronome-cópia serem “indiscutivelmente” deslocamento para a esquerda (cf. Pontes, 1987) e acontecerem mais com o sujeito (cf. Orsini e Vasco, 2012), além disso, tem um DP definido e não é contrastivo (cf. Pontes, 1987), pois já está presente no discurso (cf. Mollica, 1989).

Berlinck, Duarte e Oliveira (2017) explicitam a estrutura do deslocamento à esquerda com a presença do S<sub>Top</sub>, posição do tópico marcado, acima de S<sub>Flex</sub>, como podemos ver a seguir:

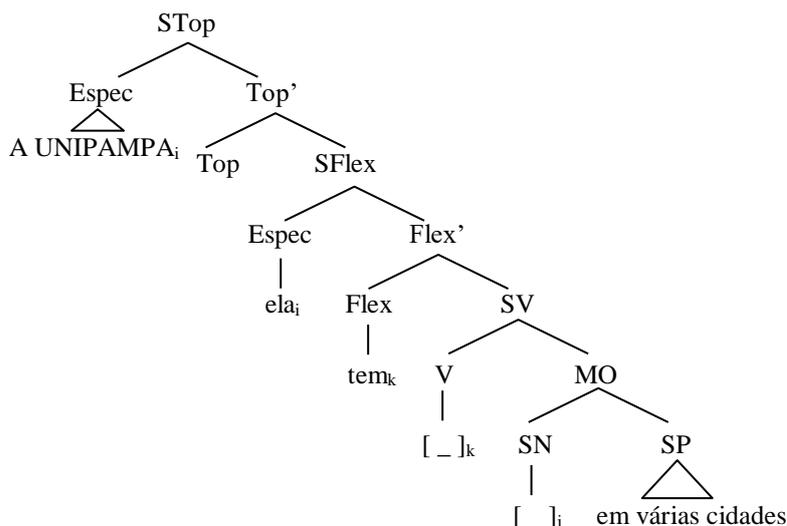
(20) A minha mãe ela adora carne (p. 144)



De acordo com a estrutura de deslocamento à esquerda sugerida em (20), o argumento externo da sentença foi deslocado para a esquerda, deixando um vestígio na posição de especificador (Espec) de S<sub>v</sub> que, por sua vez, é correferente ao tópico.

Aplicando a mesma análise à nossa construção (19b), compreenderíamos que o pronome “ela” é o argumento interno, que se moveu e passou a ocupar o lugar do sujeito, Espec,S<sub>Flex</sub>; já o tópico “A UNIPAMPA” foi gerado na base, por já estar saliente no discurso. No entanto, a análise das autoras pode parecer ser contra intuitiva, pois sugere que o preenchimento da posição de Espec,S<sub>Top</sub> seja obrigatório ou necessário para ter o pronome em Espec,S<sub>Flex</sub>, posição onde recebe Caso nominativo (sujeito), uma vez que só assim teremos uma referência semântica para o pronome.

Ao observar nossa sentença, é importante considerar que o verbo existencial não seleciona sujeito, ao contrário do verbo *adorar*. Berlinck, Duarte e Oliveira (2017, p. 141-2) sugerem uma representação para estes verbos, partindo da premissa de que o argumento interno do verbo se configura como uma minioração (MO), expressando uma relação de predicação entre o DP (*A UNIPAMPA*) e o locativo PP (*em várias cidades*):



De acordo com a representação sugerida pelas autoras, são notórias as relações de complementação entre verbo e a minioração e de predicação entre o DP e o locativo. Nesse viés, o DP “A UNIPAMPA” é alçado para Espec,STop e a posição de sujeito gramatical é preenchida por um pronome para satisfazer o EPP. Nossa análise está consoante a evidência de que o português brasileiro não favorece a topicalização com sujeitos nulos, apresentando um percentual de 78% de sujeito pronominal expreso nesses casos (BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2017).

O redobro de sujeito é uma constatação importante para a hipótese de o português brasileiro ser uma língua de proeminência de tópico, assim como a concordância com elementos topicalizados. Avelar (2015) considera a hipótese de o PB ter herdado as propriedades relativas à proeminência de tópico das línguas bantas<sup>12</sup>, sendo que um de seus argumentos é a existência de concordância de locativo, conforme os dados (p. 130):

- (21) a. No interior de SP e do Rio, *algumas cidades* **nevam**.  
 b. Quais são *as cidades que* mais **chovem** no mundo.

Logo, é por causa de tais construções que o PB se aproxima às línguas bantas<sup>13</sup>, aceitando concordância verbal com vários elementos, e se distancia daquelas indo-europeias,

<sup>12</sup> Sabe-se que o continente africano tem mais de 2000 línguas, subdivididas em quatro grandes famílias linguísticas. As línguas bantas pertencem a um grupo de uma subfamília das línguas nigero-congolês, a maior família de línguas do continente africano com, aproximadamente, 1495 línguas. Logo, são chamadas de bantas “centenas de línguas distribuídas numa imensa área geográfica que vai do sudeste da Nigéria e do Chade até a ponta sul da África” (BONVINI, 2013, p. 23).

<sup>13</sup> De acordo com Avelar (2015), o português brasileiro aceita concordância verbal com vários elementos, porém as línguas bantas ainda são mais liberais; por exemplo, em Kirundi, construções na ordem objeto-verbo-sujeito em que o verbo concorda com o objeto são gramaticais. Se uma sentença em Kirundi fosse traduzida literalmente para

que são fiéis à concordância sujeito-verbo. João Costa (2010) enfatiza que a concordância entre tópico e verbo é a única distinção entre o português brasileiro e o europeu. Enquanto em português brasileiro as sentenças expostas em (21) são entendidas como gramaticais, em português europeu seriam agramaticais, ou seja, em PB o elemento topicalizado de fato é compreendido como sujeito. Porém, no português europeu é possível haver as chamadas “topicalizações selvagens” (DUARTE, 1987, 1996 apud COSTA, 2010), todas representadas com vírgula<sup>14</sup>.

Costa (2010) discorre a respeito das seis construções que têm servido como argumentos para caracterizar o português brasileiro como língua de proeminência de tópico e as compara com as construções do português europeu. As construções do PB citadas por Costa (2010) estão esquematizadas no quadro a seguir com um de seus respectivos exemplos:

Quadro 3 – Construções do português brasileiro

Construções		Exemplos
1	Ocorrência irrestrita de sujeitos duplos	[Essa competência] <sub>i</sub> , <i>ela</i> <sub>i</sub> é de natureza mental. (p. 126)
2	Sujeitos lexicais locativos e dêiticos	São Paulo chove; o Rio faz sol. (p. 127)
3	Construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes	‘Cê <i>tem</i> prédios lindos em Londres. (p. 128)
4	Hiperelevação do sujeito com “parecer”	Tem ocasiões que eu <sub>i</sub> nem pareço [que t <sub>i</sub> sou brasileiro]. (p. 128)
5	Ergatização de verbos transitivos	A revista tá xerocando. (p. 129)
6	Elevação de genitivos em construções inacusativas	[Meu carro] <sub>i</sub> furou [o pneu t <sub>i</sub> ]. (p. 129)

Fonte: Elaborado a partir de Costa (2010, p. 126-9), grifos do autor.

Ao discutir cada uma dessas construções, o autor enfatiza que a diferença mais produtiva entre o português brasileiro e o português europeu é na sexta construção, pois a elevação de genitivo não ocorre no português europeu. Importa salientar que Costa (2010; 2012) considera que a ocorrência irrestrita de sujeitos duplos não é um argumento ideal para caracterizar o

o português seria “Os livros leram o João”, com o significado de que foi o João que leu os livros (AVELAR, 2015, p. 138). Em português brasileiro, essa construção seria agramatical.

<sup>14</sup> Conforme os dados expostos por Costa (2010, p. 135):

- i. Essas casas, bate imenso sol.
- ii. Os meus vizinhos, morreu a mãe.
- iii. As minhas duas árvores, apodreceu a raiz.
- iv. O meu carro, furaram os pneus.
- v. As minhas pernas, rachou a pele.

português brasileiro como uma língua de proeminência de tópico, porque os sujeitos duplos constatados em PB também afetam elementos que não necessariamente ocorrem como tópicos discursivos (informação dada). Em contraste com Pontes (1987), que considera que o redobro de sujeito envolve somente DPs definidos, Costa (2010) considera que em PB é possível que o elemento deslocado seja definido, indefinido e quantificado, conforme os exemplos (p. 126):

- (22) a. [Essa competência]<sub>i</sub>, *ela<sub>i</sub>* é de natureza mental.  
 b. [Mulher nenhuma]<sub>i</sub>, *ela<sub>i</sub>* pode querer dominar o homem.  
 c. [Toda criança]<sub>i</sub>, *ela<sub>i</sub>* aprende rápido a gostar de coca-cola.  
 d. [O que é bom, o que é de qualidade]<sub>i</sub>, *ele<sub>i</sub>* fica; [o que é ruim]<sub>i</sub>, *ele<sub>i</sub>* se perde.

De acordo com os exemplos, também discutidos por Kato e Duarte (2017, p. 27), no português brasileiro o redobro de sujeito também é produtivo com sintagmas não animados (22a), genéricos (22b), quantificadores (22c) e, inclusive, com relativas livres (22d). Essa peculiaridade do PB o distancia das línguas de proeminência de tópico discursivo, como o japonês, em que o elemento deslocado é sempre definido (LI; THOMPSON, 1976 apud KATO; DUARTE, 2017, p. 27) e conta com construções de alçamento que são marcadas por *-wa*<sup>15</sup> para satisfazer o EPP (KATO, 2015).

Outro forte argumento utilizado para defender o ponto de vista de que o português brasileiro esteja se tornando uma língua com proeminência de tópico é o fato de aceitar inclusive sintagmas preposicionais na posição de sujeito (construções que também são produzidas no português moçambicano, segundo Avelar). Vejamos algumas sentenças comuns no PB (AVELAR; CYRINO, 2008 apud AVELAR, 2015, p. 141-2):

- (23) a. **Na minha escola** aceita cartão de crédito.  
 b. **Nessa rádio** toca as melhores músicas gospel da net.

Particularmente, acreditamos que o contato com as línguas bantas pode ter influenciado o português brasileiro, mas que esta não seja a única justificativa para a constatação de que o PB esteja se tornando uma língua com proeminência de tópico, ou seja, orientada para o discurso. Além disso, não é claro que PPs (sintagmas preposicionais) ocupem a posição de

<sup>15</sup> Como por exemplo (KATO, 2015, p. 11):

i. “**London-wa** utsukushii biru ga aru”  
 Londres-top bonito prédio-nom tem

sujeito no português brasileiro, conforme os percentuais de algumas das 42 sentenças do questionário criado por Reis (2017):

Quadro 4 – Fragmentos do questionário de aceitabilidade de Reis (2017)

Sentenças com PP	Aceitável	Não aceitável	Sentenças com DP	Aceitável	Não aceitável
Na livraria vende livros.	63%	37%	A livraria vende livros.	93%	7%
Na livraria vendem livros.	79%	21%	A livraria vendem livros.	6%	94%
Na livraria vende-se livros.	93%	7%	A livraria vende-se livros.	6%	94%
Na escola aceita cartão de crédito.	75%	25%	A escola aceita cartão de crédito.	95%	5%
Na escola aceitam cartão de crédito.	83%	17%	A escola aceitam cartão de crédito.	4%	96%
Na escola aceita-se cartão de crédito.	90%	10%	A escola aceita-se cartão de crédito.	9%	91%
Nas escolas aceita cartão de crédito.	34%	66%			
Nas escolas aceitam cartão de crédito.	86%	14%			

Fonte: Elaborado a partir de Reis (2017, p. 71-3).

O questionário de Reis (2017) foi criado a fim de detectar se os dois sintagmas, preposicionado (PP) e determinante (DP), são considerados como sujeito<sup>16</sup>. Conforme os percentuais, podemos perceber que a posição de sujeito tem restrições, sintáticas e semânticas. Atualmente, as restrições semânticas são reduzidas, uma vez que é permitido haver alçamento de elementos com distintos papéis temáticos para a posição de sujeito<sup>17</sup>. Contudo, com base nas sentenças do quadro, e outros exemplos semelhantes, Reis (2017) confirma a sua hipótese inicial de que as sentenças com PPs e com DPs não são iguais sintaticamente e que não estão, precisamente, na posição de tópico.

De acordo com a autora, pelos resultados de aceitabilidade das sentenças com PPs “os falantes ainda preferem os contextos prototípicos de sentenças genéricas/impessoais, isto é, o uso do pronome SE e o uso do verbo na terceira pessoa do plural” (REIS, 2017, p. 83). Embora as sentenças com verbo na terceira pessoa do singular não tenham sido totalmente rejeitadas,

<sup>16</sup> De acordo com Reis (2017), a pesquisa foi realizada com 100 pessoas falantes nativas do PB, em sua maioria, 81%, com ensino superior completo. Diante das construções, os participantes precisaram eleger uma opção: *aceitável* ou *não aceitável*. Sendo que *aceitável* significava que “a sentença apresentada tem boa formação sintática e é aceitável pelos falantes nativos” (p. 70) e *não aceitável*, “a sentença apresentada cause estranhamento ou você considere pouco provável um falante do português brasileiro se expressar desta maneira” (p. 70).

<sup>17</sup> De acordo com a conhecida hierarquia temática, o argumento externo de um verbo é sempre agente / causativo / experienciador > tema > benefactivo / locativo... (BAKER, 1997 apud MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 139)

como a literatura já apontava, a autora evidencia que o PP não exerce a função sintática de sujeito e sim de um adjunto alçado para a posição inicial da sentença.

Em contrapartida, as sentenças com DPs evidenciam que quando o locativo é definido, os falantes nativos de português brasileiro compreendem como sujeito. De acordo com a autora, a concordância evidencia que “o constituinte locativo, nesse caso, se comporta como qualquer argumento externo de verbo transitivo e, por isso, precisa passar pela posição destinada ao Caso do sujeito para a checagem de nominativo” (REIS, 2017, p. 83). Ainda, chamando atenção para as sentenças grifadas, que não estabelecem concordância com o DP, os altos percentuais de inaceitabilidade confirmam que realmente os falantes assimilam que o DP é o sujeito e por isso deve estabelecer concordância.

Assim, tomando como exemplo o paradigma “Na escola aceitam cartão de crédito.” (PP) e “A escola aceitam cartão de crédito.” (DP), parece-nos que embora não haja restrições semânticas para a posição de sujeito no português brasileiro, pois é possível alçar qualquer elemento para a posição de sujeito, ainda há restrições sintáticas e o sujeito somente pode ser um sintagma nominal. Vale lembrar que o elemento movido para a posição inicial na sentença motivadora deste Trabalho é um DP (*A UNIPAMPA*) e, de acordo com os percentuais de Reis (2017), pode ser compreendido como sujeito, o que, novamente, justifica a sua duplicação.

Nesse viés, acreditamos que a tendência de o português brasileiro se caracterizar como uma língua de sujeito preenchido justifica o alçamento do argumento interno para a posição inicial, ao invés do locativo, por exemplo, como majoritariamente é apontado na literatura. O movimento do argumento interno ocorreu pelo fato de que “A UNIPAMPA” já era o assunto norteador da discussão, o tópico discursivo, por isso foi promovido para a posição de sujeito.

Por outro lado, ao deixar de ser uma língua de sujeito nulo, o português brasileiro começou a tratar DPs topicalizados como sujeito, o que é notório pela concordância, por exemplo (cf. Decat, 1989 apud Castilho, 2010). Logo, como no nosso dado o elemento inicial é um tópico discursivo, isso acaba gerando o redobro com um pronome “reforçando” a posição de sujeito. Tal processo de duplicação, com o passar do tempo (digamos, atualmente), acaba afetando todo e qualquer sujeito.

Nesse viés, na nossa sentença a proeminência de tópico no PB é a causa da duplicação do DP, que passou a ocupar a posição de tópico da sentença, enquanto cedeu a posição do sujeito para o pronome correferente (*ela*). Em outras palavras, como o PB está sendo caracterizado como uma língua de proeminência de tópico e de sujeito, e como ainda não há

nenhum expletivo<sup>18</sup>, a solução é gerar um pronome para a posição de sujeito, explicando assim a sentença motivadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

---

<sup>18</sup> Simioni (comunicação pessoal) reportou alguns casos de um possível sujeito expletivo para verbos meteorológicos: “Ele deu raio” e “Ele ainda vai fazer muito frio”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir das principais teorias da área, analisamos a construção constatada no enunciado de um convidado do programa Pampa Debates. A partir da estranheza inicial de parecer que um verbo existencial tinha dois sujeitos na primeira oração, tínhamos dois objetivos: compreender o motivo do preenchimento do EPP com um DP correferente ao vestígio do argumento interno; analisar qual a função sintática do DP e do pronome na construção.

Conforme as discussões realizadas neste trabalho, as construções de tópico marcado são produtivas no português brasileiro por causa da predisposição para caracterizar-se como uma língua de proeminência de tópico, assim como é apontado na literatura. Além disso, por causa do preenchimento de sujeito tem grandes probabilidades de vir a desenvolver um expletivo. Tal constatação contribui para a hipótese de que o português brasileiro se caracteriza como uma língua mista, proeminência de tópico e de sujeito, o que também é considerado por outros autores (cf. Pontes, 1987; Orsini e Vasco, 2012; Kato, 2015).

O dado em análise, produzido em uma fala “monitorada”, por tratar-se de um debate de televisão, apresenta duas propriedades: movimento do argumento interno para a posição inicial e duplicação. Após as discussões realizadas neste trabalho, consideramos, primeiramente, que o argumento interno foi alçado para o início da sentença, por ser o tópico discursivo; por estar na posição inicial da sentença, e considerando a tendência do PB de preencher a posição de sujeito, esse tópico-sujeito satisfaz o EPP; em um segundo momento, por estar na posição inicial da sentença e ser compreendido como sujeito, pode ser duplicado, o que justifica o deslocamento à esquerda observado na sentença.

A fim de confirmar a nossa hipótese de que o português brasileiro está se caracterizando como uma língua mista, proeminência de tópico e de sujeito, observamos a necessidade de analisarmos um *corpus* mais abrangente. Por exemplo, poderíamos investigar a intuição apresentada em Kato (2015) de que estruturas com redobro de sujeito correspondem juízos categóricos (atribuição de um predicado a um sujeito), enquanto sentenças sem redobro descreveriam um estado ou evento (juízo tético).

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. Sobre a emergência das construções de tópico-sujeito no português brasileiro: mudança desencadeada por contato? In: Avelar, J.; Álvarez-López, L. (eds), **Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015, 127-148.
- \_\_\_\_\_. Sentenças possessivas e existenciais. In: CYRINO, S. (Org.). **História do português brasileiro: mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 72-149.
- AVELAR, J.; CALLOU, D. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). **Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2011, p. 287-299.
- BERLINCK, R. A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. Predicação. In.: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do (Org.). **A construção da sentença**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 81-149.
- BERLINCK, R. A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In.: TARRALLO, F. (Org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989, p. 95-113.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: PETTER, M.; FIORIN, J. L. (Orgs.) **África no Brasil: a formação da língua**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BUTHERS, C. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo**: uma abordagem minimalista. 2009. 164 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, J. PE e PB: orientação para o discurso importa? **Estudos da Língua(gem)**, 8.ed., 2010, p. 123-143.
- \_\_\_\_\_. Variação PE-PB sem configuracionalidade discursiva: argumentos adicionais para a primazia da sintaxe. In.: LOBO, T. [et al.] (Org.) **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 109-121.
- KATO, M. A. Expletivos nulos e construções de tópico/sujeito no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, v. 57, n. 1, p. 7-22, ago. 2015.
- KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. O sujeito no português brasileiro e sua tipologia. In: PILATI, E.; SALLES, H. L.; NAVES, R. (Orgs.). **Novos olhares para a gramática do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.

MOLLICA, M. C. Influência de fatores de processamento na variação em português. In.: TARRALLO, F. (Org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989, p. 283-299.

ORSINI, M. T.; VASCO, S. L. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. **Diadorim**: revista de estudos linguísticos e literários, [S.l.], v. 2, out. 2012.

REIS, L. M. **A sintaxe dos sujeitos locativos no português brasileiro**. 2017. Dissertação (mestrado) Universidade Federal Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis.

SANTANA, J. A. **O adjunto adverbial como fonte de coesão textual**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e suas respectivas Literaturas), Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.

SEABRA, M. C. T. C. de. **Uma abordagem diacrônica das construções de tópico em português**. 1994. Dissertação (mestrado) Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.